Dia 28 — Os Santos Inocentes

Martirológio Romano

O martírio dos santos Inocentes, em Belém de Judá, aos quais fez matar o rei Herodes, perseguindo a Jesus Cristo. (Veja-se sua história hoje.) Os santos mártires Eutíquio, presbítero, e Domiciano, diácono, em Ancira, na Galácia.

O triunfo dos santos mártires Castor, Vítor e Rogaciano, na África.

Os santos mártires Indes, eunuco, Domna, Ágape e Teófila, virgens, e outros companheiros, em Nicomédia; os quais, na perseguição de Diocleciano, depois de haver vencido diversos gêneros de cruéis tormentos, alcançaram a coroa do martírio.

São Troádio, mártir, em Neocesareia, no Ponto; estando para expirar este Santo, na perseguição de Décio, assistiu em espírito São Gregório Taumaturgo e o alentou a sofrer o martírio.

São Cesário, mártir, em Arábia, na Armênia Menor; o qual foi martirizado no império de Galério Maximiano.

A gloriosa morte de São Francisco de Sales, bispo de Genebra, em Lyon, na França; ao qual, pelo ardentíssimo zelo que mostrou na conversão dos hereges, canonizou Alexandre VII. Sua festa, por decreto do mesmo Papa, se celebra no dia 29 de janeiro, em que foi trasladado seu corpo de Lyon a Annecy. (Veja-se sua vida naquele dia.)

São Domnião, presbítero, em Roma.

São Teodoro, monge, discípulo de São Pacômio, no Egito. (Por razão da extraordinária pureza de seus costumes, chamaram-no desde sua infância os gregos o Santificado. Nasceu na Tebaida superior pelos anos de 314 e aos catorze de idade retirou-se do mundo. A reputação de São Pacômio o levou depois a Tabena, onde pareceu sempre o primeiro em tudo entre uma companhia de santos. Tendo morrido São Pacômio no ano 348, foi colocado em seu lugar São Teodoro, contrariando sua vontade de permanecer o último da comunidade. Operou vários milagres e profetizou muitas coisas. São Nilo e outros contam que, estando uma vez pregando Teodoro a seus monges, que ao mesmo tempo trabalhavam em fazer esteiras, duas víboras se lhe enrolaram a

seus pés. Era o Santo tão esmerado em não interromper nem turbar a atenção de seu auditório durante qualquer sagrada função que esteve quieto até que acabou seu discurso. Depois, levantando o pé, permitiu que as matassem, sem haver recebido nenhum dano. Morreu no ano 367, aos cinquenta e três de sua idade. Seu corpo foi depositado com o de São Pacômio, e Santo Atanásio escreveu aos monges de Tabena consolando-os pela perda de seu santo Abade e mandando-lhes ter à vista a glória que então estaria possuindo.)

Santo Antônio, monge, no mosteiro de Lérins, esclarecido por seus milagres.

Os Santos Inocentes

Parece que a Igreja buscou quem faça a corte ao Salvador recém-nascido, fazendo que à festa de sua Natividade se seguisse a dos santos Inocentes, a do primeiro Mártir e a do amado discípulo. Como o que nasceu é Deus, devem-se-lhe oferecer vítimas inocentes: *Deus est qui natus est, innocentes debentur illi victimæ,* diz Santo Agostinho. Como o que nasceu é um cordeiro sem mancha, que há de ser um dia sacrificado por nós numa cruz, é necessário que desde que aparece no mundo se lhe ofereçam em sacrifício cordeiros muito puros: *Agni debent immolari, quia agnus futurus est crucifigi.*

Logo que o Salvador do mundo nasceu em Belém, anunciou Deus aos reis Magos o nascimento deste Rei salvador por meio de uma estrela milagrosa, que lhes serviu também de guia para que viessem adorá-lo. Com esta ajuda do céu chegaram a Jerusalém, a qual criam encontrar fazendo grandes festas por motivo do nascimento do Messias, do Rei dos judeus por tanto tempo esperado; mas causou-lhes muita novidade o não encontrar nela nem festas nem outro sinal de alegria. O primeiro que fazem estes estrangeiros é perguntar onde está o Rei dos judeus que acabava de nascer, cuja estrela asseguram haver visto no Oriente e haver-lhes servido de guia. Esta novidade assustou extraordinariamente a Herodes e causou uma grande comoção em Jerusalém. O povo era demasiado curioso para não falar desta novidade, e Herodes demasiado desconfiado e demasiado zeloso do reino de que se havia apoderado sem tocar-lhe para ouvir a sangue-frio uma novidade como esta. E assim, temendo que podia vir a tirar-lhe a coroa o Menino que buscavam os Magos, enviou logo a chamar os príncipes dos sacerdotes e os escribas, que eram os que deviam explicar ao povo as Escrituras e cuidar que não se misturasse nelas nada que pudesse corromper seu sentido verdadeiro.

Tinha este Monarca demasiada penetração para não ver que um Rei, a quem de tão longe vinham buscar uns estrangeiros no seio da Judeia, era um Rei extraordinário e muito diferente dos outros; por outra parte não ignorava que, sendo ele idumeu, isto é, de um povo que descendia de Esaú, não era de família judia e, por conseguinte, que não estando já o cetro nos descendentes de Judá, havia chegado o tempo em que os Profetas haviam predito que havia de nascer o Messias. Sem dúvida por este motivo, na assembleia dos judeus não falou palavra tocante ao novo Rei; só perguntou onde devia nascer o Messias. Todos a uma voz responderam a esta pergunta que nasceria em Belém, pequena cidade da tribo de Judá, porque assim o havia predito o mesmo Deus por seu profeta.

Herodes contentou-se com esta resposta; e tendo despedido a assembleia, fez vir os Magos para conferenciar a sós com eles. Não quis falar-lhes em presença de uns doutores, que eram gentes instruídas e capazes de descobrir o que ele procurava dissimular; temia que a inquietude que mostraria em suas perguntas e em toda a sua conversação lhes faria entrar em suspeitas do desígnio que formava e meditava de desfazer-se do Menino e de sacrificá-lo a sua ambição e a sua raiva. Este, com espírito fraudulento e artificioso, tomou os Magos à parte, fez-lhes cem perguntas capciosas, procurou informar-se especialmente do tempo em que a estrela havia começado a deixar-se ver; e conhecendo neles muita piedade e pouca desconfiança, mostrou aprovar sua devoção e os animou a prosseguir sua viagem. Ide, disse-lhes, ide a Belém, informai-vos de tudo o que pertence a este Menino e voltai quanto antes a dar-me notícia de quanto houverdes visto, porque eu quero ir também adorá-lo. Tudo isto não era outra coisa que dissimular seus intentos e ver se podia fazer cair no laço os Magos; mas Deus, que se burla de todos os nossos artifícios, que não pode ser enganado e que se propõe fins muito diferentes que os dos homens, soube muito bem confundir todos estes maliciosos desígnios. Os Magos foram em direitura a Belém; tiveram a ventura de encontrar o Salvador; prostraram-se diante dele, adoraram-no e, havendo-lhe oferecido os dons que traziam de seu país, que consistiam em ouro, incenso e mirra, avisados em sonhos por um Anjo que não voltassem a ver Herodes, tomaram outro caminho distinto do de Jerusalém e voltaram a sua pátria, deixando deste modo burlado o tirano.

Ainda que Herodes não soube o paradeiro dos Magos, nem por isso se mostrou inquieto; creu que, não tendo achado o que vinham buscar, não se haviam atrevido a voltar à corte por não passar por uns visionários. Contudo, as maravilhas que se haviam operado em Belém e os milagres que se haviam visto em Jerusalém quando a santíssima Virgem e São José levaram o Menino Jesus ao templo fizeram grande ruído; este ruído estendeu-se até a corte; e tendo-se informado Herodes muito pormenorizadamente do que havia passado, começou a cavilar e a temer alguma ruína sobre si. O temor que lhe causou a majestade e grandeza do divino Menino que lhe haviam louvado tão altamente e que no templo havia sido reconhecido pelo Messias, e a vergonha de ver-se burlado por uns estrangeiros, a quem até então havia tido por simples e crédulos, arrastaram-no até os últimos excessos de desumanidade.

Era Herodes um dos mais cruéis e desumanos príncipes que houve jamais. Antônio havia feito que o Senado o nomeasse Rei dos judeus. A ambição e a suspeita eram suas duas paixões dominantes; e a desumanidade era o caráter que o distinguia. Havia feito afogar a Aristóbulo, seu cunhado, sumo sacerdote; mandou matar seu avô Hircano, Mariana, sua mulher, Alexandra, mãe de Mariana; mandou degolar seus próprios filhos; não perdoou a seus mais caros amigos; o mesmo era conceber alguma suspeita contra alguém que mandar matá-lo. Todos os que eram da família dos Asmoneus ou que tinham alguma autoridade perderam a vida sem nenhuma formalidade de justiça. Mas Deus castigou a crueldade e a desumanidade deste Príncipe bárbaro com uma doença horrível; pois saiu de seu corpo uma infinidade de vermes que, comendo-o aos bocados, exalavam um fedor intolerável; tanto que muitas vezes quis ele mesmo matar-se para libertar-se das dores e do horror que se tinha a si mesmo. E vendo que os judeus se haviam de alegrar de sua morte, mandou que, logo que houvesse expirado, degolassem todas as pessoas de qualidade, as que antes havia mandado prender, tudo com o fim de que cada família distinta tivesse motivo de chorar em sua morte. Esta ordem não se executou, porque o desprezo e execração em que se teve sua memória não davam lugar a que se fizesse caso do que havia mandado quem já não podia

fazer-se temer.

Este era Herodes; o qual, não podendo já duvidar do nascimento milagroso de um Menino de quem se publicavam tantos prodígios e não duvidando que havia sido burlado, inflamou-se num estranho furor. Suas suspeitas, seu temor, sua ambição o arrastaram a uma espécie de desesperação; e querendo desfazer-se a qualquer preço do Menino recém-nascido, tomou a bárbara resolução de fazer passar a cutelo todos os meninos de peito, não duvidando que seria envolvido na matança geral o que buscava. Deu, pois, suas ordens para isso e mandou a todos os seus oficiais que as executassem sob pena de vida: em consequência disto repartiram-se companhias de soldados por todas as cidades, vilas e aldeias, sem que se soubesse a que fim se fazia esta nova repartição de tropas. Publicou-se ao princípio que o Rei queria saber a ponto fixo os meninos varões de dois anos para baixo que havia naquele território. Logo que se soube o número e quantos havia em cada família, os soldados tiveram ordem de degolá-los todos, sem perdoar a um só, e isto sob pena de vida. Esta ordem bárbara executou-se com a maior exatidão e no mesmo dia, em poucas horas, foram sacrificadas todas aquelas inocentes vítimas. O número foi muito crescido, não só em Belém, mas também em todas as cidades e povos vizinhos. O sangue corria a arroios: não houve casa nem choça que não fosse um lugar de suplício, borrifado com aquele sangue inocente.

São Gregório de Nissa e Santo Agostinho empregaram toda a sua eloquência em pintar-nos a crueldade destes soldados nesta horrível execução; os gritos lamentáveis das mães que viam arrancar de seu seio os que pouco antes haviam dado à luz; as cruéis feridas dos meninos que eram despedaçados desumanamente antes que houvessem podido cometer algum delito; finalmente, a glória de sua morte e de seu martírio; pois morriam não só por Jesus Cristo, mas também em lugar de Jesus Cristo. Estes meninos são degolados em lugar de Jesus Cristo, diz Santo Agostinho, e a inocência logra a ventura de morrer pela justiça: *Occiduntur pro Christo parvuli, pro justitia moritur innocentia.* São as flores dos Mártires, continua o mesmo Padre, e os primeiros brotos da Igreja, que o ardor da mais cruel paixão fez brotar em meio do inverno da infidelidade e que levou o gelo da perseguição: *Flores martyrum, et primas erumpentes Ecclesiæ gemmas, quas in medio infidelitatis frigore exortas, persecutionis pruina decoxit.* Feliz ódio do mais bárbaro Rei, exclama o mesmo Padre: mais vantajoso foste tu para estes meninos do que lhes teriam sido os mais assinalados favores do Monarca: *Ecce profanus hostis numquam beatis parvulis tantum prodesse potuisset obsequio, quantum profuit odio.* Que ventura a vossa, inocentes vítimas, diz São Cipriano, ser confundidos com Jesus Cristo e arrancados do peito de vossas mães para serem degolados em seu lugar! Fostes batizados em vosso sangue, diz São Crisólogo, como vossas mães o foram em suas lágrimas. Estes são os verdadeiros mártires da Graça, que confessam sem falar, que morrem e triunfam sem conhecer o preço nem o mérito de sua vitória. Deus vos guarde, flores dos Mártires, canta o poeta Prudêncio, que ao nascer o dia fostes roubadas pelo perseguidor de Jesus Cristo, como aqueles tenros botões das rosas que um furioso torvelinho leva quando começam a abrir-se e desdobrar-se. Se me perguntais, diz São Bernardo, por que ações mereceram ser coroados estes santos Inocentes, perguntai a Herodes por que delitos foram condenados à morte. A bondade de Jesus Cristo, Salvador nosso, terá menos poder que a malícia do cruel Herodes, para que este tenha podido tirar a vida a uns inocentes e o Salvador não tenha podido coroar os que morreram por ele?

Alguns foram de parecer que o número destas inocentes vítimas ascendia a cento e quarenta e quatro mil, fundados em que São João em seu Apocalipse, falando das almas inocentes e castas que seguem o Cordeiro a qualquer parte que vá, põe este número; mas o erudito Salmerão em seus Comentários diz que foram catorze mil; e acrescenta que os cristãos da Etiópia, chamados os abissínios, assinalam este número no cânon da missa. Genebrardo diz assim mesmo que os gregos assinalam este mesmo número em seu calendário, e esta opinião é mais provável.

Estes santos meninos sacrificados deste modo ao furor e aos ciúmes de um tirano, que pretendia vingar-se neles de um rei que cria haver nascido para tirar-lhe a coroa, foram olhados sempre na Igreja como verdadeiros Mártires de Jesus Cristo. A Igreja só nos adverte que deram testemunho em favor da verdade, não pelo órgão da palavra, mas pela efusão de seu inocente sangue; também nos diz em seus ofícios que morreram unicamente pela causa de Jesus Cristo, que se pretendeu fazê-los morrer em seu lugar e que se creu tirar-lhe a vida a ele degolando-os a eles. Santo Ireneu exaltou a glória de seu martírio com uns elogios os mais encarecidos; e muitos creem que sua festa se celebrava já no tempo dos Apóstolos: *Bene ergo et secundum voluntatem Dei sancti patres eorum memoriam celebrari mandaverunt sempiternam.* Esta passagem se encontra nas homilias atribuídas a Orígenes. Como se ignora o dia de sua morte, a Igreja destinou para sua festa o 28 de dezembro, para aproximá-la quanto é possível ao nascimento do Salvador. Assegura-se que no sexto século o imperador Justiniano, o Jovem, mandou edificar em Constantinopla uma igreja em honra dos santos Inocentes e que nela se guardava um de seus corpos, o qual se expunha à pública veneração. Vê-se ao presente um todo inteiro na célebre abadia de São Dinis, na França, num berço de ramos de palma, metido numa caixa de prata sobredourada, o qual foi doado a esta abadia pelo imperador Carlos Magno; outro na igreja dos Inocentes de Paris, com sua carne e seus ossos, posto numa urna de cristal, guarnecida de prata, custeado pela munificência do rei Luís XI; outro no relicário da igreja catedral de Valência, na Espanha, também inteiro; outro no famoso mosteiro do Escorial, sítio real dos reis da Espanha.

Adição

No tempo do sereníssimo rei de Aragão Dom João I deste nome, o doge de Veneza, cuja senhoria de muito antigamente possuía alguns dos sagrados corpinhos, enviou ao mesmo rei Dom João um corpinho dos ditos Santos. Recebeu-o o Rei com grande contentamento; mas a rainha Violante, sua mulher, rogou-lhe que o desse aos conselheiros da cidade de Barcelona, com a condição, porém, de que o pusessem na igreja catedral e de que dali nem todo nem parte dele se pudesse tirar. Fê-lo assim o Rei; e ainda subsiste na mesma igreja catedral num altar à esquerda do presbitério. De tudo se fez auto no ano de 1388, o qual consta no arquivo do cabido, no número 31 dos privilégios dos Reis. (Domenech.)

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos Inocentes, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, cujus hodierna die præconium Innocentes martyres, non loquendo, sed moriendo confessi sunt: omnia in nobis vitiorum mala mortifica: ut fidem tuam, quam lingua nostra loquitur, etiam moribus vita fateatur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, cuja glória confessaram neste dia os santos Inocentes, não com suas palavras, mas com seu sangue e sua morte, fazei que morram em nós todas as paixões e vícios, para que nossa vida e costumes sejam uma confissão contínua da fé que confessamos com a língua. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse de São João.

Apocalipse 14,1-5

> **Latim:** 1 Et vidi : et ecce Agnus stabat supra montem Sion, et cum eo centum quadraginta quatuor millia, habentes nomen ejus, et nomen Patris ejus scriptum in frontibus suis. 2 Et audivi vocem de cælo, tamquam vocem aquarum multarum, et tamquam vocem tonitrui magni : et vocem, quam audivi, sicut citharœdorum citharizantium in citharis suis. 3 Et cantabant quasi canticum novum ante sedem, et ante quatuor animalia, et seniores : et nemo poterat dicere canticum, nisi illa centum quadraginta quatuor millia, qui empti sunt de terra. 4 Hi sunt, qui cum mulieribus non sunt coinquinati : virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocumque ierit. Hi empti sunt ex hominibus primitiæ Deo, et Agno : 5 et in ore eorum non est inventum mendacium : sine macula enim sunt ante thronum Dei.

Português: 1 E OLHEI: e eis-que o Cordeiro estava em pé sobre o monte de Sião, e com elle cento e quarenta e quatro mil, que tinham escrito sobre as suas testas o nome d’elle, e o nome de seu Pai. 2 E ouvi huma voz do ceo, como o estrondo de muitas aguas, e como o estrondo de hum grande trovão: e a voz, que ouvi, era como de tocadores de cithara, que tocavão as suas citharas. 3 E cantavão hum como cantico novo diante do throno, e diante dos quatro animaes, e dos ancãos: e ninguem podia cantar este cantico, senão aquelles cento e quarenta e quatro mil, que forão comprados da terra. 4 Estes são aquelles, que se não contaminárão com mulheres: porque são virgens. Estes seguem o Cordeiro, para onde quer que elle vá. Estes forão comprados dentre os homens para serem as primícias para Deos, e para o Cordeiro, 5 e na sua boca não se achou mentira: porque estão sem mácula diante do throno de Deos.

Reflexões

A inocência é o mais belo adorno da alma: Deus não tem suas complacências senão nos corações puros e nas almas inocentes. A pureza arrebata para si o coração de Deus. Bem-aventurados os limpos de coração, diz o Salvador, porque eles verão a Deus. Isto não se entende somente no céu: às almas castas gosta Deus de comunicar-se desde esta vida, dando-lhes a inteligência dos mais sublimes mistérios e do mais oculto que há na divindade. A fé é obscura, é verdade; mas para quem o é sobremaneira é para esses corações corrompidos, para essas almas sepultadas na carne, para essas almas a quem o deleite embrutece e a quem o prazer torna totalmente terrenas. Mas as luzes da fé entram facilmente a alumiar um coração isento dessas espessas névoas, desses vapores impuros e malignos que exala a corrupção. A impureza ofusca os olhos da alma, apaga a luz sobrenatural da graça e deixa o espírito e o coração numa espantosa noite. De onde nasceram essas revoluções pasmosas e repentinas que houve em matéria de religião? Há duzentos anos que a fé cristã estava tão florescente nessas regiões afortunadas onde respirava a simplicidade, a piedade e a inocência, e onde hoje reina o cisma e a heresia. Os Wiclefes, os Luteros, os Calvinos semearam nelas o veneno de seus erros, e tudo se perverteu. De onde veio esta deplorável mudança e transtorno? Com que artifícios, com que sutilezas fez a heresia tão grandes e rápidas conquistas? Os povos perderam a inocência, pois não há que estranhar que perdessem tão cedo a fé. Não são os sofismas nem os artifícios das cabeças de partido, a quem a heresia deve seus progressos; a quem deve o erro todas as suas vitórias é à corrupção dos costumes, à dissolução, à impiedade. Desterrou-se a inocência? A fé será muito cedo proscrita. Um sacerdote, um religioso acha-se mal com o celibato; muito cedo gritará contra o Papa: suba-se até o primeiro princípio do cisma, até a primeira origem e causa da revolução contra a Igreja, e se achará infalivelmente que a corrupção do coração foi o primeiro móvel. A lei da continência se faz demasiado pesada; pois a fé perderá logo seu vigor e se debilitará.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Mateus.

Mateus 2,13-18

> **Latim:** 13 Qui cum recessissent, ecce angelus Domini apparuit in somnis Joseph, dicens : Surge, et accipe puerum, et matrem ejus, et fuge in Ægyptum, et esto ibi usque dum dicam tibi. Futurum est enim ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum. 14 Qui consurgens accepit puerum et matrem ejus nocte, et secessit in Ægyptum : 15 et erat ibi usque ad obitum Herodis : ut adimpleretur quod dictum est a Domino per prophetam dicentem : Ex Ægypto vocavi filium meum. 16 Tunc Herodes videns quoniam illusus esset a magis, iratus est valde,

> et mittens occidit omnes pueros, qui erant in Bethlehem, et in omnibus finibus ejus, a bimatu et infra secundum tempus, quod exquisierat a magis. [17] Tunc adimpletum est quod dictum est per Jeremiam prophetam dicentem : [18] Vox in Rama audita est ploratus, et ululatus multus : Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.

Português: [13] Partidos que elles forão, eis-que aparecece hum anjo do Senhor em sonhos a José, e lhe disse: Levanta-te, e toma o menino, e sua mãe, e foge para o Egypto, e fica-te lá, até que eu te avise. Porque Herodes tem de buscar o menino para o matar. [14] José levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãe, e retirou-se para o Egypto: [15] e alli esteve até á morte de Herodes: para se cumprir o que proferirá o Senhor pelo profeta, que diz: Do Egypto chamei a meu filho. [16] Herodes então vendo que tinha sido illudido dos magos, ficou muito irado por isso, e mandou matar todos os meninos, que havia em Belém, e em todo o seu termo, que tivessem dous annos, e dahí para baixo, regulando-se nisto pelo tempo, que tinha exactamente averiguado dos magos. [17] Então se cumpriu o que estava anunciado pelo profeta Jeremias, que diz: [18] Em Ramá se ouvio hum clamor, hum choro, e hum grande lamento: vinha a ser Raquel chorando a seus filhos, sem admittir consolação pela falta d'elles.

Meditação

Sobre a festa dos santos Inocentes

Primeiro ponto

Considera quão admirável é a divina Providência, quão limitados nossos conhecimentos, quão curtas nossas medidas, quão falível nossa prudência e quão pouco seguros nossos desígnios. Deus se burla das medidas que tomam os homens quando os homens querem apostá-las a Deus e quando pretendem com uma louca e ímpia ambição transtornar a ordem da divina Sabedoria. Herodes, assustado ao ouvir que o Messias nasceu, toma a resolução de desfazer-se dele: consulta, informa-se do tempo, do lugar, das circunstâncias deste divino Menino; e para conseguir seu detestável desígnio determina fazer degolar todos os meninos de sua idade; não repara nem na inocência destas jovens vítimas, nem nos gritos e lágrimas de suas mães, nem na desolação lamentável do povo. O desejo de fazer morrer o Salvador do mundo o faz atropelar toda justiça, todo sentimento de humanidade: prudência humana, que insensata és quando queres ir contra os divinos conselhos! Por pouco que Herodes houvesse refletido, não teria compreendido a necedade que era pretender tornar inúteis os decretos divinos fazendo morrer aquele que vinha para dar-nos a vida? Mas não há coisa que cegue mais que a paixão. Este Rei bárbaro faz degolar um número prodigioso de meninos sem incluir nesta horrível matança o que busca; mas que ventura a destes Inocentes! Este ímpio tirano faz-se o opróbrio e a execração de todo o universo e procura a estas inocentes vítimas uma glória eterna. Faz deles os primeiros mártires do Salvador e os únicos que

morrem por Jesus Cristo recém-nascido; seu sangue e sua morte dão um testemunho o mais ruidoso do Messias. Também nós podemos, sem falar, dar um testemunho em seu favor com nossa modéstia, com nossa santidade e nossa inocência. Nada exalta mais, nada faz mais gloriosa nossa Religião que a pureza de nossos costumes.

Segundo ponto

Considera a desolação e estragos que faz numa alma uma paixão violenta. A ambição, o temor de perder um reino cegam de tal modo a Herodes que se deixa levar aos últimos excessos de raiva, de crueldade e furor. Quão de temer é, meu Deus, uma paixão violenta numa alma que tem pouca religião! Muito cedo transpassará esta alma todos os limites. Razão, decência, interesse próprio, honra, fazenda, quietude, saúde, tudo se sacrifica a uma paixão que domina. Ela corrompe o mais belo natural, aniquila a mais racional educação, embrutece o espírito mais eminente, apaga os sentimentos mais cristãos. Ter-se-ia acreditado jamais que um rei pudesse chegar a umas extremidades como as que acabamos de dizer? Outro Herodes deixa-se dominar da paixão da impureza: por mais que estima e até respeita a São João Batista, faz trazer a cabeça deste santo Profeta estando num suntuoso e delicioso festim. A ambição domina o Herodes de nosso Evangelho. Queria, se lhe fosse possível, fazer perecer a seu sucessor: sacrifica a sua ambição seus próprios filhos, de medo de que lhe sucedam. Finalmente, o novo nascimento de um novo Rei dos judeus, que conhece bem dever ser o Messias prometido, assusta e inquieta sua ambição; e não escutando senão a sua paixão, faz passar a cutelo em Belém e em seus arredores todos os meninos pequenos, esperando tolamente que este novo Rei, que este Messias menino não poderá escapar-se desta matança. Quão insensato é o homem, meu Deus, quão extravagante quando se imagina que pode transtornar vossos desígnios e a ordem de vossa providência! Herodes faz uma cruel carniçaria nestes inocentes e faz deles outros tantos gloriosos mártires, e escapa de seu furor Jesus Cristo, que é o único a quem busca. Herodes vem a ser o mais aborrecido, o mais desprezado, o mais desditoso dos mortais. Cansado de viver tão infeliz, quer dar-se ele mesmo a morte: não consegue seus desejos; mas é para que sofra mais longo tempo o mais doloroso, o mais terrível e o mais ignominioso de todos os suplícios. Seu corpo apodrece vivo, suas carnes convertem-se em vermes e por espaço de mais de dois anos não foi este Rei senão um cadáver podre, comido de vermes e mais fedorento e horrível que um corpo morto que cai feito pedaços num sepulcro. Oh, e quão curtas são nossas providências, quão caducas nossas medidas e quão vãos nossos desígnios quando não têm outro apoio que a paixão!

Fazei, Senhor, que toda a minha prudência, minha sabedoria, meus fins e meus desígnios sejam agradar-vos com a pureza de meus costumes, com minha submissão a vossas ordens, com minha fidelidade em vosso serviço e com o cumprimento de todas as obrigações de meu estado.

Jaculatórias

O Senhor tem contados os dias das almas inocentes e fará que gozem eternamente da herança que lhes destinou. (Sl 36.)

Ditosos os que caminham pelas sendas da inocência, sem outro guia que a lei do Senhor. (Sl 118.)

Propósitos

1. A inocência é a base do verdadeiro mérito. As mais belas qualidades bastardeiam, as virtudes se empanam, o entendimento mais desembaraçado se anuvia, se enche de trevas e se converte numa obscura noite com a corrupção dos costumes. Não é necessária outra prova desta triste verdade que a que nos apresenta a experiência de todos os dias. De nada cuides tanto como de viver nesta inocência, de conservar este precioso tesouro e pôr esta delicada flor ao abrigo dos ventos. Um vapor, um bafo demasiado grande a murcha: foge com cuidado de tudo o que pode ser-te nocivo. Ama o retiro, evita as companhias mundanas, onde não se respira senão um ar contagioso. Tem uma particular devoção aos santos Inocentes e pede a Deus por sua intercessão que te conserve na inocência.

2. Procura seguir em tudo a ordem da divina Providência; e nada temas tanto como o opor-te a sua economia com sutis e malignos artifícios. Para isso submete à divina Providência todos os teus desejos, intentos e desígnios. Não consultes senão a vontade de Deus em quanto empreenderes: não busques senão sua glória, e com isso buscarás e obrarás tua salvação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:28 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:28 by Admin